



CHILE

Após fiasco, Boric reforma gabinete

Em aceno à centro-esquerda, presidente troca seis ministros e escolhe líderes da coalizão que governou o país entre 1989 e 2010 para as pastas do Interior e da Secretaria-Geral da Presidência. Especialistas veem medida crucial para manter a relação com o Congresso

» RODRIGO CRAVEIRO

Menos de 48 horas após 61,86% dos chilenos rejeitarem o projeto da nova Constituição apoiado pelo governo, o presidente do Chile, Gabriel Boric, trocou seis postos-chave no gabinete. Com a reforma ministerial, Boric fez um aceno à centro-esquerda, da ex-presidente Michelle Bachelet. "Faço essa mudança pensando em nosso país. As mudanças são sempre dramáticas no Chile. (...) Talvez seja, não preciso esconder, um dos momentos mais difíceis politicamente que tive que aceitar. E seguiremos em frente juntos pelos chilenos e pelo Chile", declarou ele, durante a solenidade em que empossou os novos ministros. Boric completará seis meses no governo no próximo domingo.

Ex-prefeita da comuna de Santiago, ministra de Estado no governo de Bachelet e ex-deputada, a cientista política Carolina Tohá, 57 anos, é a nova ministra do Interior. Advogada Ana Lyria Uriarte, 60, que atuou como ministra-presidenta da Diretoria da Comissão Nacional do Meio Ambiente, também na gestão Bachelet, foi designada à Secretaria-Geral da Presidência. Houve alterações, ainda, nas pastas da Saúde, da Ciência, da Energia e do Desenvolvimento Social, com as respectivas nomeações de Ximena Aguilera, Sílvia Díaz, Diego Pardow e Giorgio Jackson.

Pouco antes do anúncio da reforma, centenas de estudantes protestaram diante do Palácio La Moeda por mais verbas para a educação. Houve embates com a polícia de choque, a qual respondeu com bombas de gás lacrimogênio e canhões d'água.

Martin Bernetti/AFP



Gabriel Boric (D) discursa ao lado da nova ministra do Interior e da Segurança Pública, Carolina Tohá, durante cerimônia no Palácio La Moneda

Cientista político da Universidad de Santiago de Chile, Marcelo Mella explicou ao **Correio** que o objetivo das alterações feitas por Boric foi de reorientar o governo rumo ao centro político, depois da derrota no plebiscito. "A rejeição da nova Carta Magna representou um duro golpe para Boric, principalmente pelo apoio e pelo compromisso dado ao processo da Constituinte. Com a derrota, o governo viu-se obrigado a buscar apoio complementar do Congresso. O deslocamento do governo para o centro supõe que entram no gabinete lideranças provenientes da antiga Concertación (o bloco reformista de

centro-esquerda que governou o Chile desde 1989)", avaliou.

Mella afirmou que Tohá, do Partido pela Democracia (PPD), e Uriarte provêm da Concertación e terão maior incidência na condução do governo. "Uriarte, a nova secretária-geral da Presidência foi uma importante negociadora, no âmbito legislativo, durante a gestão Bachelet", comentou.

María Jaraquemada, diretora executiva da ONG Chile Transparente, afirmou que Boric avisou que pretendia trocar o gabinete ministerial depois do plebiscito de domingo. "Havia muitas críticas

a alguns dos ministros, principalmente Izkia Siches (Interior), que mostrou dificuldades no cargo, desde o início, e a quem faltava experiência política prévia. O mesmo se passou com o secretário-geral da Presidência, Giorgio Jackson", explicou ao **Correio**.

Experiência

Segundo ela, após a consulta popular sobre a nova Carta Magna, existia a possibilidade de que Boric distribuiria as cartas entre integrantes da antiga Concertación. "Essas pessoas têm uma bagagem

política e podem contribuir, especialmente nas pastas do Interior e da Secretaria-Geral da Presidência, que são importantes para a relação com o Congresso, mas também na abordagem do conflito com os povos da etnia mapuche, no sul do país", comentou Jaraquemada.

Professora da Faculdade de Governo da Pontifícia Universidad Católica de Chile, Gloria De La Fuente admitiu à reportagem que a vitória do "Rechazo" ("Rejeito") no plebiscito de domingo implicou ao governo uma autocrítica e uma auto-análise que deve se prolongar por algum tempo. "Neste momento, uma

sinalização era muito necessária e concreta. O governo havia antecipado que começaria uma nova etapa, uma vez que o plebiscito estivesse resolvido. Agora, Boric iniciará nova Constituinte", disse.

De acordo com De La Fuente, o objetivo do presidente é preservar as relações com as coalizões que compõem o governo, como a Aprueblo Dignidad, que levou Boric ao poder, e o socialismo democrático. "Essas duas alianças sempre mantiveram diálogo com Boric, a fim de se instalarem no governo. O novo gabinete será formado por gente de muita experiência."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"A mudança de gabinete, por parte de Boric, teve como principal propósito ampliar a coalizão parlamentar do governo. Inicialmente, o presidente Gabriel Boric contava com apenas 25% de apoio na Câmara dos Deputados e 10% no Senado. Essas cotas são absolutamente insuficientes para impulsionar tanto um novo processo da Constituinte quanto reformas incluídas no projeto de governo de Boric. Trata-se de uma reorientação política estratégica do governo para criar as condições de apoio necessitadas pelo governo, a fim de que continue sem bloqueio legislativo."

Marcelo Mella, professor de ciência política da Universidad de Santiago de Chile

REINO UNIDO

Diversidade marca governo de Liz Truss

No primeiro dia de governo, a nova primeira-ministra do Reino Unido, Liz Truss, 47 anos, surpreendeu ao escolher um gabinete marcado pela diversidade. Ela anunciou o discreto James Cleverly, 53, como ministro das Relações Exteriores; a superconservadora Suella Braverman, 42, para a pasta do Interior; Theresa Coffrey, 50, como vice-premiê e ministra da Saúde; e o ultraliberal Kwasi Kwarteng, 47, para as Finanças. Pela primeira vez, o Reino Unido não terá nenhum homem branco nos quatro principais postos do governo.

Kwarteng, filho de pai economista e de mãe advogada, ambos imigrantes de Gana, terá a tarefa de livrar os britânicos dos efeitos da crise econômica, como o alto custo de vida e a disparada dos preços da energia. Braverman, por sua vez, tem origem indiana e país que emigraram para Londres na década de 1960, a partir da África. Cleverly será o primeiro não branco a ocupar uma pasta no governo. Segundo a agência de notícias France Presse, quase todos os ministros das quatro posições-chave apontadas por Truss estudaram em escolas da elite britânica, do exclusivo internato para meninos de Eton às prestigiosas universidades de Oxford e Cambridge.

Pouco antes das nomeações, diante de 10 Downing Street, sede do governo britânico, Truss buscou



Estou honrada em assumir essa responsabilidade em um momento vital para o nosso país"

Liz Truss, primeira-ministra do Reino Unido

transmitir otimismo e elogiou Boris Johnson, em pronunciamento à nação como nova chefe do país. "Boa tarde. Acabo de aceitar o gentil convite de Sua Majestade a Rainha para formar um novo governo. Deixe-me prestar homenagem ao meu antecessor. Boris Johnson entregou o Brexit e a vacina contra a covid-19, além de ter enfrentado a agressão russa. A história o verá como um premiê imensamente consequente", declarou. "Estou honrada em assumir essa responsabilidade em um momento vital para o nosso país. (...) Por mais forte que seja esta tempestade, sei que o povo britânico é mais forte (...). Juntos podemos vencer a tempestade", acrescentou, ao enumerar a economia, a saúde pública e a crise energética como as três prioridades de seu governo.

Pela manhã, Truss reuniu-se com a rainha Elizabeth II no

Jane Barlow/AFP



Rainha Elizabeth II recebe a nova primeira-ministra britânica, Liz Truss, no Castelo de Ballater, na Escócia

Castelo de Balmoral, a residência de verão da monarca na Escócia, quase 800km ao norte de Londres. Funcionários da Casa Real divulgaram uma foto em que ambas apertam as mãos.

Anthony Glee, professor emérito da Universidade de Buckingham (Reino Unido), afirmou ao **Correio** que Truss tomou-se chefe de governo em um momento de grave crise no país. "A economia está

entrando em recessão, a inflação deverá atingir os 20% em janeiro, o custo da energia está forçando os mais pobres a escolherem entre o aquecimento e a comida", disse. Ele considerou o primeiro discurso de Truss como premiê como "um vazio absurdo". "Ela começou o pronunciamento com elogios a Boris Johnson. Acredito que Truss governará da mesma forma que Boris, ao lado de um grupo

inexperiente de partidários do Brexit duro (divórcio entre Reino Unido e União Europeia)", comentou.

Para Glee, as primeiras impressões de Truss como primeira-ministra não são as melhores. "Ela insiste que será ousada em cortar impostos, fomentar a economia e lidar com a crise energética. Terá uma tarefa enorme pela frente. A União Europeia teme que Truss seja

um desastre", advertiu o estudioso. Outra questão que perseguirá a nova premiê será a legitimidade. Especialista em Constituição pela Faculdade de Política Pública da University College London, Robert Hazell lembrou à reportagem que Truss venceu a eleição pela liderança do Partido Conservador por uma margem estreita.

"Além disso, não foi a primeira escolha dos parlamentares conservadores. Ela enfrenta uma agenda assustadora, tanto interna quanto internacionalmente. Se falhar, servirá como primeira-ministra por um período ainda menor do que Boris Johnson", afirmou ele.

Nick Turnbull, professor de política da Universidade de Manchester, concordou com Hazell. "Politicamente, Truss teve apenas o apoio minoritário entre os conservadores. Então, ela precisará olhar sua retaguarda. Além de não ser popular, a nova premiê terá que herdar o fato de que Johnson deixou o poder em meio a pesquisas que mostram o seu governo conservador bem atrás dos trabalhistas. Ela é a quarta pessoa a ocupar o posto de premiê desde 2015; por isso, suas chances de sobrevivência não parecem muito boas", disse ao **Correio**. No entanto, Turnbull acha que Truss possa se beneficiar da enorme maioria eleitoral e terá de calcular quanto assentos pode perder ao escolher suas políticas, sem sacrificar essa maioria. (RC)